

32 mi de brasileiros ascendem para as classes A, B e C

< PIRÂMIDE SOCIAL > A pirâmide social do País mudou com a chegada de brasileiros que ascenderam. É o que aponta estudo da FGV baseado na Pnad. Cerca de 32 milhões passaram a integrar as classes A, B e C

Cerca de 32 milhões de brasileiros ascenderam de classe social entre 2003 e 2008, e passaram a integrar as classes A, B e C, indica estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Ao mesmo tempo, 20,9 milhões de pessoas deixaram a parcela mais pobre da população, migrando das classes D e E. Somente na classe E, deixaram de figurar 19,5 milhões de brasileiros, o que representou retração acumulada de 43% entre 2003 e 2008.

A melhoria na renda do brasileiro foi um dos pontos fundamentais para que o potencial de consumo neste intervalo de tempo - com aumento de 14,98% entre 2003 e 2008 de acordo com pesquisa do Centro de Políticas Sociais (CPS) da FGV.

O crescimento foi calculado com base em dados da Pnad do IBGE sobre acesso a bens de consumo, a serviços públicos, condições de moradia e tipo de família (Ex: casal com filhos). No mesmo período, 31,9 milhões de pessoas entraram nas classes A, B e C, segundo o CPS.

Já o potencial de geração de renda familiar, o "do produtor", aumentou ainda mais. "O potencial do produtor subiu aproximadamente 28%", informou o economista-chefe do CPS da FGV, Marcelo Néri.

Ele contou que se surpreendeu pelo consumo ter crescido menos que o potencial do produtor. A posse ou uso de celulares e computadores pelas famílias, que se expandiram grandemente no período, foram consideradas no estudo dentro do potencial do produtor, como investi-



Néri: a renda do trabalho é superior a de transferências do Governo

mento, e não no de consumo.

Também são considerados no cálculo da potencial do produtor a inserção no mercado de trabalho, o nível de educação dos membros da família, a família dos filhos em escolas públicas e privada, o investimento em previdência (pública e privada).

Sementes

Para Néri, “sementes plantadas na década de 90, como a estabilização, as reformas e o aumento do acesso à educação” podem ter influído para o aumento do potencial de geração de renda pelas famílias nesta década.

De acordo com o estudo, a renda do trabalho explica 66,86% da queda da desigualdade entre 2008 e 2001. O

Bolsa Família responde por 17%, a renda de previdência 15,72% e transferências privadas por 0,50%.

No período, os 10% mais pobres da população brasileira tiveram aumento de renda de 72,45%, enquanto para os 10% mais ricos, esse crescimento de renda foi de 11,37%. O restante da população, também dividido em grupos de 10%, também mostrou maior alta da renda quanto mais pobres eram. Para Néri, “esta é a década da redução da desigualdade de renda”.

Néri considera a renda do trabalho superior a de transferências governamentais “até para a satisfação pessoal” de quem recebe. (das agências)